

MÁRIO DE ANDRADE, OU COMO UM MODERNISTA EDITAVA

Regina ZILBERMAN*

1. Ao final do século XIX, a indústria editorial brasileira era representada sobretudo por três nomes: Guarnier, que começara em 1844 e publicara expoentes da literatura nacional como José de Alencar e Machado de Assis; Laemmert, que iniciara em 1840 os negócios no ramo da tipografia e, em 1902, fora responsável pelo **best-seller Os sertões**, de Euclides da Cunha; e Francisco Alves, que, desde 1872, privilegiava o livro didático. Quando os autores ficavam fora de uma dessas três casas, estavam sendo editados em Portugal: a Livraria Chardron, de Lello & Irmãos, acolhia boa parte dos escritores, como, por exemplo, Coelho Neto, por muito tempo leitura predileta dos consumidores brasileiros (HALLEWELL, 1902 p. 13).

O depoimento de Luís Edmundo sugere ter sido reduzido o número de editoras ao alcance do escritor brasileiro e pouco valorizada a produção literária, embora alguns autores gozassem de prestígio e não experimentassem dificuldades para ver os livros publicados e circulando entre o público:

Paga-se a um bom autor, por um bom romance ou um bom livro de contos, de quinhentos mil-réis a um conto de réis, por uma nova novela popular, de cinquenta a quinhentos mil-réis. Para os livros de versos, abundantíssimos, não há tarifa. Em geral, são impressos por conta do próprio autor, ou entregues ao editor, sem compromisso de paga. As exceções à regra são raras. Os grandes romancistas que vivem e que então mais se editam são: Machado de Assis, em primeiro lugar, Aluisio Azevedo, logo a seguir e depois, então, Valentim Magalhães, Gonzaga Duque, Coelho Neto... Olavo

* Docente da PUCRS - Porto Alegre

Bilac, Luis Murat, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, B. Lopes e Guimarães Passos são os poetas mais lidos e festejados. Os livros que imprimem, porém, não alcançam grandes tiragens: mil, dois mil, no máximo dois e quinhentos ou três mil exemplares (EDMUND, 1964, p.446-7).

Na abertura da década de 20, a década do lançamento e projeção do Modernismo brasileiro, a situação modifica-se para melhor. Lawrence Hallewell refere-se ao salto quantitativo da produção livreira no país, e Nelson Werneck Sodré fornece os seguintes números:

São Paulo contava já, em 1920, com cerca de 20 editoras, representando capital entre 3.500 e 4.000 contos de réis; lançando 203 títulos no ano, com tiragem global superior a 900.000 exemplares, sendo 2/3 de livros didáticos e apenas 100.000 de literatura; Urupês vendera 8.000 exemplares, em 1920; Alma cabocla, de Paulo Setúbal, 6.000 em duas edições. - tudo conforme dados da Revista do Brasil, em seu número 63, de março de 1921 (SODRÉ, 1977, p 397).

A situação do escritor, contudo, não progredira: o mesmo Sodré reproduz o depoimento do novelista Léo Vaz, que conta suas dificuldades de profissionalização. A atividade literária não rende, e os postulantes a homem de letras são obrigados a se defender economicamente lecionando ou atuando no emergente mercado da publicidade:

Como era natural, o resultado pecuniário da primeira edição fora bem vasqueiro, tanto para o autor como para o editor. Ora, a esse tempo eu fizera, para o Laboratório do Biotônico Fontoura, o seu primeiro almanaque. Assim, ao aparecer nas livrarias o meu primeiro livro, distribuíam também as farmácias de todo o país essoutro produto de minha literária atividade. E um dia, ao chegar à Revista, entregaram-me um envelope, que para isso ali deixara o nosso amigo Fontoura, com um cartão de agradecimento e um cheque para remuneração do meu serviço. Mostrei ambos ao Lobato, fazendo notar que o Almanaque que apenas me tomara uma semana de atenção, e trabalho, me rendera quantia três vezes maior que o romance, em cuja escrita eu pusera os ócios de quase cinco anos de magistério... (VAZ, 1957, p.399).

Nas vésperas da Semana de Arte Moderna, o Brasil apresenta um quadro editorial bastante medíocre: poucas as editoras, reduzidas as possibilidades de remuneração do trabalho artístico. Por outro lado, o país moderniza as relações de produção, intensifica o processo de industrialização e ingressa com maior vigor na era do capitalismo. Seria de se esperar que esse impulso industrial repercutisse no âmbito da produção de livros.

Repercutiu ao menos no âmbito da estética, pois a Semana de Arte Moderna e a expansão do ideário modernista respondem, em certo sentido, à nova situação econômica. Mas os escritores se deparam com uma máquina editorial retrógrada, paternalista e, na maioria dos casos, indiferente aos rumos da literatura brasileira, preocupada em atender a demandas imediatas do mercado, como a por livros didáticos e traduções.

A proposta dos modernistas, de renovação da poética e atualização da consciência estética, nas palavras de Mário de Andrade(s.d.), talvez devesse supor igualmente um projeto de modernização das relações entre escritor e editor, e entre escritor e público, compatível com o processo de transformação de que faziam parte. Como se pode perceber pela trajetória editorial de Mário de Andrade, esse não foi o caso: ele aceitou editar os livros por sua própria conta, valeu-se de suas relações pessoais para fazer as obras circularem e não considerou a hipótese de o autor se profissionalizar. É o que sugerem suas cartas, onde o tema vem à baila com alguma frequência.

2. Mário de Andrade nasceu em 09 de outubro de 1893, na cidade de São Paulo. Em 1917, publicou, com o pseudônimo de Mário Sobral, o primeiro livro, *Há uma gota de sangue em cada poema*. O seguinte foi *Paulicéia Desvairada*, lançado em 1922, com poemas escritos em 1920-1. Nesse ano, já tinha pronto *Losango Cáqui*, sobre o qual escreve a Manuel Bandeira:

Escrevo muito. Tenho um livro pronto. "O Losango Cáqui" - impressões do mês de exercícios militares que fiz em Agosto. Procuo realizar a poesia mais psicológica possível. Verdadeiras demonstrações práticas. Psicologia experimental. É uma poesia,

poder-se-á dizer, científica. Não há verso, palavra, pontuação que não se justifique pela psicologia (ANDRADE, 1958, p. 16).

Entretanto, as providências no sentido de publicar esse livro só puderam ser tomadas a partir de 1925, ano em que Mário patrocinou a edição de *A escrava que não é Isaura*. Conforme se lê nas cartas a Prudente de Moraes, neto, o autor se encarregou ainda da distribuição da obra, apelando para a ajuda dos companheiros cariocas de Modernismo:

Aproveito a nossa boa amizade e faço este pedido pra você. Começo a receber os exemplares da "Escrava que não é Isaura". livro que acabo de editar com o meu dinheiro. Já expus à venda desde anteontem. Mas o distribuidor daqui, só distribui o livro pra cidade. Precisava dum aí no Rio. Você me arranja? Faz favor, sim! Não me incomode (sic) com o que ele pedir de porcentagem. Não escrevo livros pra ganhar dinheiro. O preço do livro nas livrarias é de 5\$000. Veja si você me arranja isso logo e me responda com prontidão (ANDRADE, 1985, p.71).

O pedido é reforçado dias depois, em carta de 04 de março:

Pois é isso. Recebi a carta, li, reli e vi que as ofertas eram de coração. Por isso aceitei-as. Vou mandar pra você 100 exemplares da Escrava. Não recebi a tal carta do Manuel em que vinha a proposta do Boffoni. Não sei qual é por isso mas aceito desde já. Aceito incondicionalmente porquê. creio que já disse pra você, não tenho intenções de ganhar dinheiro com o livro. Basta que tire o dinheiro que pus nele, pra assim poder publicar o novo. Losango Cáqui. Ai vão pois 100 exemplares. Você e o Sérgio [Milliet] me farão o favor de dar os 10 do Briguiet e os 10 do Garnier. O resto entregarão pro Boffoni que os distribuirá, evitando assim mais trabalho pra vocês. Aqui a venda do livro tem sido bem grande (ANDRADE, 1985, p. 79).

O mesmo pedido é transmitido a Manuel Bandeira:

A Escrava está pra sair. Obrigado pelas demarches junto ao Costallat por causa do Primeiro Andar. Eu já esperava mais ou menos isso. O que preciso é de um distribuidor aí no Rio pra Escrava. (...) Fala com o Sérgio, com o Prudente. Qualquer deles me pode arranjar isso pra mim. Quero depositário e distribuidor só

pra cidade do Rio de Janeiro. Pra São Paulo já tenho. Mandarei alguns exemplares pro Recife, outros pra Belo Horizonte, outros pra Santos e basta! Os brasileiros, si quiserem, venham buscar o livro aqui. A edição é de mil. Creio que uns quinhentos saem. Será bom! (ANDRADE, 1958, p. 97).

Em carta de 4 de outubro de 1925, Mário revela à amiga Anita Malfatti a necessidade de juntar dinheiro para a impressão do *Losango Cáqui*, à disposição desde 1922:

*Queria que você estivesse aqui pra me abraçar. Os amigos daqui creio que virão na minha casa, não sei ainda, nem pretendo dar festança, ando miquiadíssimo e todo o dinheiro que posso economizar é pra pagar a edição do **Losango Cáqui** o seu livro. Na quinta próxima já devo receber provas* (ANDRADE, 1989, p. 103).

No mês seguinte, comenta as dificuldades de edição:

*Tenho bastantes novidades. O **Losango** nosso está sai não sai. Ontem inda corrigi uma porção de provas. Talvez por Janeiro, isto é, certamente por Janeiro si Deus não mandar o contrário. A edição é pobrinha porém que hei-de fazer! Dinheiro não sobra neste bolso e inda mais agora com a doença e visita no médico todo dia tive que empobrecer inda mais a edição. Queria deixar as poesias com nomes tendo estes em páginas brancas, queria botar um clichê dentro, queria papel melhor... Fui obrigado a diminuir minhas vaidades de editado com a perspectiva de ter de arranjar uns 800\$000 pro médico. Assim mesmo a edição ficará em bem mais de conto de réis. Que bruta de vida difícil, Anita! Porém não faz mal porque é vida gostosa e até acho graça nestas aperturas de dinheiro. Mas não sei ainda como é que vou me arranjar pra pagar tanta coisa!* (ANDRADE, 1989, p.106-107).

As dificuldades permanecem, porque, em 1926, confessa a Manuel Bandeira:

*Mas estava carecendo muito de dinheiro, Manú. Estou sem roupa carecendo de tudo desde meias até chapéu. Depois de me enroupar bem, mandar fazer uma biblioteca nova que ficará talvez nuns dois contos, comprar umas coisas que o meu estúdio está pedindo, e juntar dinheiro pra publicar o **Amar, Verbo Intransitivo** e guardar uns dois contecos pra viagem ao norte no ano que vem* (Junho e

Julho) dou o fora no que puder e terei tempo pra voltar pra arte e meus escritos de verdade. Creio que lá por Dezembro já poderei fazer isso (ANDRADE, 1958, p. 134).

Em carta a Carlos Drummond de Andrade, que tinha pronto o livro com os versos de *Alguma poesia*, Mário aconselha sua própria prática editorial:

*Você não tem direito de ficar com ele guardado aí só porque nesta merda de país não tem editor pra livros de versos. Carece um esforço e mesmo se preciso um sacrifício. Creio que sua mulher não discordará de mim no que estou falando. Eu até hoje só achei editores pra **Paulicéia** (por causa do escândalo que envolvia o livro) e pro **Primeiro Andar** que é uma porcaria vastíssima porém são contos vendáveis. Todo o resto e ainda agora o **Amar, Verbo Intransitivo** apesar de romance, tudo sou eu mesmo que edito e só eu mesmo sei às vezes com que sacrifício! Faça como eu, vá juntando aos poucos o arame. Vá separando todo mês um pouquinho, e não dou muito tempo você está com o dinheiro que carece pra edição. Ou mesmo edite com editor camarada que vá depois recebendo um tanto por mês. Assim inda é melhor porque obriga a gente ao sacrifício. Uso esse processo atualmente. Porém desde já vá se revestindo de todas as desilusões possíveis. O livro será pouco vendido, os ataques serão muitos, as casas de revendedores não se amolam com ele... É um inferno (ANDRADE, 1988, p. 85).*

Em 1927, Mário de Andrade publica os poemas de *Clan do jaboti* e o romance *Amar, verbo intransitivo*. Sobre o primeiro, discute nas cartas os novos percalços. Escreve a Bandeira:

O Clan prontinho da Silva, capaz de entrar agora mesmo pra máquina, agora pra quando?... Ora! que bem me importa... Já temos nacionalismo por demais e tão-besta! (ANDRADE, 1958, p. 161).

A Pedro Nava conta os problemas financeiros:

Meu Clan do Jaboti está prontinho da silva e... E agora não sei quando será publicado. Ia publicá-lo pra que saísse em julho porém as coisas mudaram. Vou fazer uma viagem comprida duns três meses e vou ficar endividadíssimo. Só depois de pagas as dívidas lá por janeiro talvez do ano que vem é que terei dinheiro suficiente pra publicação, uma merda. (ANDRADE, 1982, p.90).

Começam a seguir as tarefas de distribuição, delegadas a Prudente de Moraes, neto, nessa carta de 24 de dezembro de 1927:

*Por agora só negócio. Você pode distribuir o **Clan do Jaboti** pra mim aí no Rio? Se trata de uma pura distribuição desta vez. Mando uns trezentos exemplares e você pouco a pouco, nos dias que tiver tempo, vai botando eles nas livrarias e me manda os recibos de consignação. As vezes que eu for aí no Rio, eu mesmo vou saber da venda sem cacetejar mais você (ANDRADE, 1985, p. 239).*

E nessa também:

Recebi a carta de negócio e principio mandando hoje os Clans. Irão duzentos que você distribuirá pelas livrarias d' aí, a quantidade que ajuizar melhor pra cada uma, nas mais frequentadas mais, nas menos, menos, como quiser. A porcentagem também pouco me importa, será o que pedirem (ANDRADE, 1985, p.259).

A partir de 1928, ano do lançamento de *Macunaima*, o herói sem nenhum caráter, Mário começa a publicar obras de cunho didático, como o *Ensaio sobre a música brasileira*, sobre o qual escreve a Bandeira:

*Mas meu caso agora é que o Ensaio custa 6 contos a edição e careci de campear editor. Achei um na casa Chiarato que pelos elogios que tenho feito pra ela, justos, por estar editando as músicas de Mozart Camargo Guarnieri (...) a casa acho que ficou um bocado comovida e aceitou editar o Ensaio... eu não ganhando um vintém por essa edição de 1.000 exemplares, tendo 15 exemplares pra mim, e me obrigando a entregar pra mesma casa meu **Compêndio de História da Música!!!** Não venha me passando pito porque é inútil, tá resolvido, tá feito e eu aceitei assim porque não é mesmo com livro que pretendo ganhar quatrini (ANDRADE, 1958, p. 204).*

Essa declaração de desinteresse pecuniário é confirmada pela resposta dada ao inquérito feito pela editora Macaulay, dos Estados Unidos, que publicou a tradução de *Amar, verbo intransitivo* em 1935, com o título de *Fräulein*:

Escrevo meus livros só nas horas vagas de minhas outras ocupações. No Brasil ainda é raro o escritor que pode viver dos seus próprios livros. Me dedico por isso ao jornalismo e ao professorado, que são ocupações sempre de ordem intelectual, e me conservam dentro da minha realidade primeira que é a arte (ANDRADE, 1982 b, p. 20).

Em 1934, Murilo Miranda buscou publicar ensaios de Mário via *Revista Acadêmica*. Ao aceitar o convite, o poeta fez questão de abrir mão dos direitos autorais, enquanto aconselhava o jovem editor a não fazer grandes investimentos nesse ramo empresarial:

Minhas condições vocês já conhecem e repito, de maneira que esta carta possa servir de garantia pra vocês. Dou completamente o livro pra vocês em sua primeira edição, apenas quero cinquenta exemplares pra dar pros meus amigos. No resto o livro ficará inteiramente de vocês. Em despesa de edição como em possíveis lucros de venda. Mas não façam edição muito grande que perderão. Só tenho ganho dinheiro realmente com os livros musicais didáticos, e a tradução norte-americana. No Brasil meus livros se vendem pouco (ANDRADE, 1981, p. 11-12).

Em 1940, em entrevista a *Revista do Brasil*, no Rio de Janeiro, repete as declarações sobre o pagamento de direitos autorais e o desinteresse em se profissionalizar como escritor:

*Os dois livros que mais me renderam em direitos autorais foram o **Compêndio de História da Música** e a tradução norte-americana de **Amar, verbo intransitivo**. Mas não sou profissional de livros. Quero dizer, nunca pretendi viver dos meus livros. Venho de uma época em que escrever livros de ficção ainda não era profissão no Brasil (ANDRADE, 1983, p. 82).*

Em 1941, tem a intenção de publicar suas *Poesias*, contendo as obras dos anos 20 e poemas inéditos. O modo

* carta é de 28 de novembro de 1934 e inaugura a correspon-

produção do livro, contudo, não se alterou, conforme sugere a carta escrita em 27 de junho a Alphonsus de Guimaraens Filho:

Que estão [as Poesias] enfim prontas e hoje vou ver orçamentos pra publicação delas. Constarão de uma escolha de poemas dos livros já publicados e duas partes novas, uma terrível "Costela do Grão Cão" muito brutal e pessoalmente detestável, e um "Livro Azul", onde por minha própria crítica está o que de melhor fiz em poesia (ANDRADE, 1974, p. 33).

A Murilo Miranda, em carta de 13 de novembro, narra o resultado:

Agora então tomo com um rombo forte, com a história da edição das Poesias. Acabei na última hora não me consolando de editar o livro num quase papel de embrulho. Mudei pra um papel apenas milhorzinho, embora ainda ruim, e isso aumentou minha despesa de mais um conto e pouco. Coisa que tenho que tirar do ordenado mensal (e vai ser o diabo) porque a reserva e o que vou receber da primeira prestação da História da Música era pra pagar o orçamento feito (ANDRADE, 1981, p. 98).

Em 1942, a conferência de 30 de abril, *O Movimento Modernista*, é editada pela Casa do Estudante do Brasil; mas Mário quer reunir outros ensaios no livro *Os filhos da Candinha*, sobre o qual escreve a Murilo Miranda, em 30 de julho:

*Eu é que, si acaso você souber de algum amigo comum que venha daí, eu queria que você me mandasse *Os filhos da Candinha* e as crônicas literárias. Estou com vontade de editar um dos dois à minha custa mesmo, aqui no Martins (ANDRADE, 1981, p. 123).*

Esse livro reserva uma surpresa para Mário de Andrade, porque seu editor desde as *Poesias*, o paulista Martins, resolve bancar os custos da publicação, conforme revela a carta a Murilo Miranda de 26 de fevereiro de 1943, ano do lançamento da obra:

Tanto mais que ele [Martins] tem procedido sempre muito bem comigo, está editando a Candinhada se recusando inteiramente a

combinar preço? Tenho quase a certeza que ele quer me surpreender editando o livro por conta própria (ANDRADE, 1981, p. 139).

Em 10 de dezembro, em carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, Mário dá mais detalhes sobre a publicação:

Fiquei desgostoso sabendo que nem pra você tinha mandado os trabalhos da Candinha, me desculpe. Nunca mandei mais irregularmente um livro, e esse eu podia, porque dispunha de exemplares à vontade. A edição a principio fora editada à meia por mim e pelo Martins, e só depois da saída e da venda inesperada o Martins encampou ela toda. Creio até que no depósito o livro já se esgotou. Mas tenho exemplares comigo e vou lhe mandar um (ANDRADE, 1974, p. 42).

Mais adiante, na mesma carta, Mário revela seu novo status editorial:

Quanto aos meus livros passados, o melhor é você me mandar a lista dos meus livros que já tem, ou os que deseja. Estou já desfalcadíssimo, mas com o maior prazer, está claro, lhe mandarei os que for possível. Enfim dei pra ser um bocado lido e estou com quase todos os meus livros esgotados. O mais assombroso foi O Baile das 4 Artes, esta edição mesmo do Martins, e que se esgotou no depósito em menos de seis meses. O Martins está animado, e quer reeditar tudo, mas vamos ver (ANDRADE, 1974, p. 42).

Mário de Andrade não chegou a participar dessa reedição. Quando morreu, em 25 de fevereiro de 1945, Martins ainda não tinha publicado a *Lira paulistana e Padre Jesuíno do Monte Carmelo*, que continham textos inéditos e saíram naquele ano. A partir da década de 50 é que se regularizam os lançamentos das obras de Mário, incluindo-se o aparecimento de livros novos, a reedição da produção anterior, a organização da correspondência.

Em vida, Mário conviveu permanentemente com dificuldades financeiras, agravadas pela necessidade de cuidar da impressão e distribuição de seus textos. Até 1940, não dispôs de um editor permanente, nem se integrou ao surto editorial dos anos 30, comandado por empresários como José Olympio, no

Rio de Janeiro, e Henrique Bertaso, em Porto Alegre. Líder da modernidade brasileira, Mário não conseguiu conviver com a modernidade da produção livreira. Ficou à margem desse movimento, acreditando que não lhe competia “viver dos (...) livros”. E isso porque, segundo afirma na entrevista citada antes, “venho de uma época em que escrever livros de ficção ainda não era profissão no Brasil”, declaração surpreendente para quem, enquanto moderno, tinha de ser homem do presente e da atualidade. Em matéria de edição de livros, Mário talvez tenha sido mais passadista que o seu Modernismo facultava.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M. de. *Cartas a Anita Malfatti: 1921-1939*. Org. por Marta Rossetti Batista. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- ANDRADE, M. de. *Cartas a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1958.
- ANDRADE, M. de. *Cartas a Murilo Miranda: 1934-1945*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- ANDRADE, M. de. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, Neto*. Org. por Georgina Koifman. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ANDRADE, M. de. *Correspondente contumaz: cartas a Pedro Nava, 1925-1944*. Org. por Fernando da Rocha Peres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- ANDRADE, M. de. Falam os escritores: Mário de Andrade. (Entrevista de Silveira Sampaio a Rev. do Brasil, nº 24, jun. 1940 In: LOPEZ, T.P.A. (Org.) *Mário de Andrade: entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.
- ANDRADE, M. de. *A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- ANDRADE, M. de. O movimento modernista. In: *Aspectos da literatura brasileira* São Paulo: Liv. Martins, s.d.
- ANDRADE, M. de. Resposta ao inquérito sobre mim pra Macaulay. *Travessia*, v. 5, n. 3, p. 20, 1982.
- ANDRADE, M. de, BANDEIRA M. *Itinerários: cartas a Alphonsus de Guimaraens Filho*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- EDMUND, L. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: s.c.p., 1938. 3v. v.2 p. 702-3 *Apud* SODRÉ, N.W. *História da literatura brasileira*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

HALLEWELL, L. *Books in Brazil: a history of the publishing trade*. London: The Scarecrow Press, 1902.

SODRÉ, N.W. *História da imprensa no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

VAZ, L. *Páginas vazias*. Rio de Janeiro: s.c.p., 1957. p. 205-6 *Apud* SODRÉ, N.W. *História da literatura brasileira*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.